

## O sentido da linguagem The meaning of language

RAFAEL DA SILVA OLIVA

**Resumo:** Neste ensaio buscamos refletir sobre a questão do sentido da linguagem, para além de seu caráter objetivo e utilitário. Procuramos mostrar, a partir do diálogo com a filosofia e a poesia, que a linguagem pode ser pensada a partir de uma instância mais original do que o sentido comum, estabelecido pela normatividade da tradição e dos interesses mercadológicos. A originalidade da linguagem parece, assim, estar vinculada ao processo de vivência integral do homem como doador de sentido ao mundo.

**Palavras-chave:** Linguagem. Sentido. Filosofia. Poesia

**Abstract:** In this essay we try to reflect on the question of the meaning of language, beyond its objective and utilitarian character. We try to show, through dialog with philosophy and poetry, that language can be thought of from a more original point of view than the common sense established by the normativity of tradition and market interests. The originality of language thus seems to be linked to the process of man's integral experience as a giver of meaning to the world.

**Key-Words:** Language. Meaning. Philosophy. Poetry

O sentido, acho, é a entidade mais misteriosa do universo. Relação, não coisa, entre a consciência, a vivência e as coisas e os eventos. O sentido dos gestos. O sentido dos produtos. O sentido do ato de existir. Me recuso a viver num mundo sem sentido. [...] Pois isso é próprio da natureza do sentido: ele não existe nas coisas, tem que ser buscado, numa busca que é sua própria fundação. Só buscar o sentido faz, realmente, sentido. Tirando isso, não tem sentido (Leminski, 1997, p. 11).

Refletir sobre a linguagem parece, à primeira vista, uma tarefa fácil. Utilizamos a linguagem como recurso para veicular informações, expressar ideias, sentimentos, gostos, bem como para julgar e avaliar. Já nascemos inseridos num uso comum da linguagem, a partir do qual somos educados a aprender suas regras sintáticas e gramaticais. Há regras próprias para o uso da linguagem em cada caso: na informalidade cotidiana, em que o hábito parece guiar o seu uso, na linguagem jornalística, filosófica, científica, no interior das quais são exigidos certos cânones e modos de proceder específicos. Nos apropriamos dessas diversas linguagens e tendemos a fazer uso de formas de se expressar conforme as exigências contextuais. Assim, em todos os casos, a linguagem serve como instrumento para veicular sentidos. O que, neste ensaio, pretendemos trazer como questionamento é: para além do fato de a linguagem servir como instrumento de veiculação de sentidos diversos, existe, afinal, o sentido da linguagem? Dito de outro modo: será

que o sentido da linguagem se esgota em seu caráter instrumental?

O que geralmente se busca através da linguagem em seus usos específicos é a objetividade. Ela é vista como necessária, por exemplo, ao jornalista, que precisa comunicar informações, ao cientista, que precisa comunicar suas descobertas, e ao filósofo, que tradicionalmente precisou comunicar o caminho para se chegar à verdade. No entanto, se lembrarmos das palavras de Nietzsche, tal objetividade da linguagem é uma ilusão que não se reconhece como tal. A linguagem é metafórica. A pretensa verdade objetiva representa o nivelamento da diversidade e o esquecimento de que as palavras foram criadas para expressar uma sensação subjetiva, não a essência das coisas:

Acreditamos saber algo acerca das próprias coisas, quando falamos de árvores, cores, neve e flores, mas, com isso, nada possuímos senão metáforas das coisas, que não correspondem, em absoluto, às essencialidades originais (Nietzsche, 2008, p. 14, 15).

Ao lado da crença metafísica de que a linguagem poderia expressar as coisas tal como são em si mesmas, caminha a confiança de que assim o é porque a linguagem, assim como a verdade, possuiria um caráter de existência fora do tempo, do espaço e da história. Contrariando essas crenças, Nietzsche questiona o suposto caráter eterno da linguagem ao propor a questão de seu surgimento e das circunstâncias em que ela apareceu. Para ele, a linguagem nada mais é do que “um exército móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, numa palavra, uma soma de relações humanas que foram realçadas poética e retoricamente” (Nietzsche, 2008, p. 16). Nosso propósito não é investigar a fundo a concepção nietzschiana da linguagem, mas servir-nos de Nietzsche como ponto de partida para nossa questão sobre seu sentido. O que o filósofo alemão nos propõe é a possibilidade de ver a linguagem como uma criação humana, expressão de vivências próprias, dotada de história e derivada de um impulso poético, criador de metáforas. Impulso este, mais genuíno do que a busca de uma conformidade entre as palavras e a verdade. Além disso, enquanto construção humana, a linguagem teve uma origem.

Qual teria sido a origem da linguagem? Aqui, deixamos um pouco de lado a

filosofia para entrar no terreno da poesia. Deixemos falar os poetas! Para Arnaldo Antunes, a origem da linguagem está diretamente ligada à da poesia. Sua hipótese é a de que não faria sentido falar da origem da linguagem sem o caráter poético intrínseco a ela. “Restituindo laços mais íntimos entre os signos e as coisas por eles designadas, a poesia aponta para um uso muito primário da linguagem” (Antunes, 2012). Esse uso primário estaria antes da ocorrência do uso da linguagem “nas conversas, nos jornais, nas aulas, conferências, discussões, discursos, ensaios ou telefonemas” (Idem). Mas o que de poético haveria na infância da linguagem? Mais precisamente, a ausência de seu caráter referencial, da busca da objetividade, instrumentalidade e universalidade do discurso. É poética enquanto cria, dá nome, atribui sentido, torna manifesto, através da linguagem, o ser das coisas. É “como se ela [poesia] restituísse, através de um uso específico da língua, a integridade entre nome e coisa — que o tempo e as culturas do homem civilizado trataram de separar no decorrer da história” (Idem). Nesse passado hipotético da linguagem, a poesia:

[ ] estava em tudo o que se dizia? Quando o nome da coisa era algo que fazia parte dela, assim como sua cor, seu tamanho, seu peso? Quando os laços entre os sentidos ainda não se haviam desfeito, então música, poesia, pensamento, dança, imagem, cheiro, sabor, consistência se conjugavam em experiências integrais, associadas a utilidades práticas, mágicas, curativas, religiosas, sexuais, guerreiras? (Antunes, 2012).

De acordo com essa hipótese, a linguagem deixou de ser essencialmente poética quando a civilização introduziu o conceito de representação, o que acabou “gerando essas duas metades – significante e significado” (Idem). Se antes a linguagem era expressão de uma experiência vivida. Se, através dela, se apresentava as coisas em seu sentido primeiro, permitindo que “o ser das coisas ditas se manifestasse nelas próprias (substantivos), não numa partícula verbal externa a elas” (Idem), a partícula “é”, com a introdução da noção de representação e o caráter referencial, cindido da linguagem, impediu-se o acesso mais direto ao mundo. Sujeito e objeto; representação e mundo; significante e significado; pensamento e linguagem, nesse sentido, seriam dualidades que o homem

introduziu a fim de garantir o afastamento dos “paradoxos, duplos sentidos, analogias e ambiguidades” (Antunes, 2012) do caráter poético, intrínseco à linguagem. Isso porque, diferente de nós, para o homem pré- histórico, “uma mesma e única palavra podia designar conceitos diametralmente opostos: o alto e o baixo, a terra e o céu, o bem e o mal” (Idem). Recheada de paradoxos e ambiguidades, a linguagem poética abria uma via de acesso direta entre homem e mundo, que a tradição ocidental teria apagado, através de seus dualismos e esquemas conceituais, em virtude de alcançar a verdade objetiva.

Em nosso tempo, o caráter objetivo da linguagem é útil à conservação do *status quo*. É um discurso que visa o impessoal. Como bem escreve Leminski, “é investido de ‘normalidade’. Na raiz, a palavra ‘normalidade’ indigita sua origem de classe. ‘Normal’ vem de ‘norma’. Norma é lei: poder” (1997, p. 46). Habitua- nos com a normalidade do uso da linguagem sedimentada pelos veículos de comunicação, e a estendemos para todos os campos da vida. A internet e as redes sociais não fogem a esse padrão: entre “likes” e comentários sobre fotografias que supostamente retratam vidas perfeitas, enxurradas de propagandas claras e objetivas, diretamente endereçadas aos consumidores, que não possuem outra utilidade do que a de sacrificar as suas vidas em benefício do poder, do mercado e da lei de produção e circulação de mercadorias. É preciso denunciar o poder responsável pela manutenção desse estado de coisas: “Esse poder é branco, burguês, greco-latino-cristão, positivista do século XIX” (Leminski, 1997, p. 46). Um poder que se camufla de objetividade, pois com ela, espera convencer a todos – é universal – da estabilidade do mundo. Não faz ver, porém, que se trata da estabilidade relativa a um certo mundo: o mundo dos negócios, e relativa a uma classe social bem determinada.

O domínio da linguagem objetiva em sua relação com o poder estabelece um sentido comum de linguagem, que pretende ser o único sentido possível. A respeito desse estado de coisas, denuncia o poeta: “essa objetividade é falsa. Ela apenas reflete a visão do mundo de dada classe social, de determinada civilização. Sua pretensão a ‘discurso absoluto’ é totalitária” (Leminski, 1997, p. 48). Tornou- se dominante o uso utilitário, lucrativo da linguagem, a ponto de obscurecer outras possíveis relações do homem com a palavra. Seria preciso insurgir-se contra esse

estado de coisas. Contrariamente ao abuso totalitário, disseminador da impessoalidade e da objetividade instrumental da linguagem, uma desobediência que denuncie. Uma violação que aponte para novas possibilidades: “Violação. Ruptura. Contravenção. Infratura. A poesia diz ‘eu acuso’. E denuncia a estrutura. A estrutura do Poder, emblematizada na ‘normalidade’ da linguagem” (Leminski, 1997, p. 48). A poesia tem o poder de criar e recriar sentidos, para além do já estabelecido, do utilitarismo. Contra a estrutura de poder, do fazer mecânico, da conservação das normas e tradições, a subversão poética: “Só a obra aberta (= desautomatizada, inovadora), engajando ativamente, a consciência do leitor, no processo de descoberta/criação de sentidos e significados [...] é verdadeiramente democrática” (Idem).

A linguagem poética desatrofia os órgãos dos sentidos que a linguagem objetiva paralisa. Esta atinge predominantemente o órgão cerebral, em busca de inteligibilidade e calculabilidade. Ela só mobiliza os outros sentidos tendo como finalidade criar o desejo de prazer no consumo, na aquisição, posse, utilidade. A linguagem poética, ao contrário, como fonte de significados, propicia algo de sinestésico. É uma linguagem plena, ilimitada. Com o domínio da objetividade “as palavras se desapegaram das coisas, assim como os olhos se desapegaram dos ouvidos, ou como a criação se desapegou da vida” (Antunes, 2012). Linguagem, corpo, percepção, gestos, vivências, pensamentos e emoções não parecem excluir-se na linguagem poética. Não há relação entre um anterior e um posterior, são coisas que se dão juntas, numa mesma abertura doadora de sentido ao mundo, num mesmo vir-a-ser.

A concepção de que a linguagem é condicionada pelo pensamento, por uma interioridade, por um “eu penso”, de tipo cartesiano. Ou a descrição da linguagem como resultado de processos fisiológicos, do tipo mecanicista, isto é, causal, desconsideram uma característica fundamental da linguagem. Conforme aponta Merleau-Ponty, tanto a corrente intelectualista como empirista desconsideram que “a palavra tem um sentido” (2006 p. 241). O filósofo francês, empenhado em “ultrapassar a dicotomia clássica entre sujeito e objeto” (Idem, p. 237), procura descrever o fenômeno da fala e da significação como ato dotado de expressividade, não de um sujeito separado do mundo, mas de um corpo vivo, de

um ser no mundo. Nesse sentido, afirma:

eles estão envolvidos um no outro, o sentido está enraizado na fala, e a fala é a existência exterior do sentido. Não poderemos mais admitir, como comumente se faz, que a fala seja um simples meio de fixação, ou ainda o invólucro e a vestimenta do pensamento (2006, p. 247).

A concepção de linguagem para Merleau-Ponty não parece distanciar-se do caráter poético do qual discorremos até aqui. Sua concepção parece querer reatar a relação direta entre homem e mundo de que falávamos antes. Para superar as dicotomias que separam o homem do mundo, o filósofo atribui valor à linguagem como algo original. Nesse sentido, como expressão do corpo vivo, ela seria criação, possibilidade de novos sentidos sempre atuante. Em outras palavras, haveria uma relação entre ser e linguagem. Ser, não como categoria universal, como pensou a tradição metafísica, mas como um processo constante de abertura de sentido, que exige a criação de novos e inesgotáveis significados.

É certo que se pode fechar-se para essa abertura de novos significados e viver preso a um mundo de falas já instituídas. De significados já consolidados pela tradição e pela normalidade. Mas com isso nada se faz além de servir e replicar o uso banal e sedimentado da linguagem. De forma oposta a esse uso mecânico e indiferente, o filósofo aponta outro, de uma fala original. Essa fala seria:

Aquela da criança que pronuncia sua primeira palavra, do apaixonado que revela seu sentimento, a do 'primeiro homem que tenha falado' ou aquela do escritor e do filósofo que despertam a experiência primordial para alguém das tradições (Merleau-Ponty, 2006, p. 636).

A fala original que Merleau-Ponty chama atenção, que faz parte tanto da criança quanto do escritor, parece retomar uma relação humana com o mundo como descoberta. É uma linguagem de criação, de incorporação e expressão de vivências singulares. Aponta para a abertura de significados própria do humano ao qual pertence a potência da fala. A linguagem, assim, deixa de ser mero instrumento do pensamento e se torna algo mais amplo, pleno, vital. Confunde-se

com a vida em seu movimento de busca de sentido. Nessa busca, o homem dotado de linguagem, através dela, instaura sentido ao que aparece, no ato mesmo de existir. Seria esse o sentido da linguagem?

### **Referências**

ANTUNES, Arnaldo. *Sobre a origem da poesia*. Nossa Brasilidade, [2012]. Disponível em: <https://nossabrasilidade.com.br/arnaldo-antunes-sobre-a-origem-da-poesia/>. Acesso em: 10 dez. 2024.

LEMINSKI, Paulo. *Ensaio e anseios crípticos*. Curitiba: Posigraf, 1997.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Sobre verdade e mentira*. Trad. e org. de Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008 (Estudos Libertários).

Submissão: 29.06.2025

/

Aceite: 29.06.2025

328